



Traços do Fundamentalismo no Protestantismo de Missão: O caso da Igreja Presbiteriana do Brasil

Juliana Guedes Cordeiro da Silva

Formada em Filosofia pela UFJF.

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da UFJF.

julianafil@yahoo.com.br

I- Introdução

O presente texto tem por objetivo uma reflexão sobre o fenômeno religioso designado Fundamentalismo²², um tipo peculiar de religiosidade que vem crescendo em nossos dias como forma de resistência de algumas comunidades religiosas às mudanças profundas e aceleradas do Ocidente, em especial, no Protestantismo brasileiro; fruto de expedições missionárias cujo objetivo era: trazer salvação aos povos “perdidos” da América Latina²³. Como um fenômeno moderno, o Fundamentalismo surge no final do século XIX e começo do século XX nos Estados Unidos por um grupo de ultra-conservadores protestantes em oposição às tendências da teologia liberal e, sobretudo, por três

²² ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

²³ GALINDO, Florêncio. *O fenômeno das seitas fundamentalistas*. Petrópolis: Vozes, 1995, p.35.

acontecimentos primordiais da modernidade: a revolução industrial, a revolução burguesa e a revolução científica, que passam a questionar a interpretação secularmente aceita pela tradição religiosa.

O caráter teológico dos fundamentalismos religiosos é oposicionismo²⁴. Em todo e qualquer contexto, o fundamentalismo começa a tomar forma quando os membros de movimentos já conservadores ou tradicionais se sentem ameaçados. Entendem que a Modernidade ou a secularização ou o Ocidente, vistos como o infiel ou o Grande Satã²⁵, estariam atacando a sua cultura. O diferente de fora ou o traidor de dentro são percebidos como adversários, aos quais devem opor resistência. Este combate, como princípio construtivo, é o que determina a natureza dos métodos e das concepções teológicas fundamentalistas, assim como o tipo de formação e estratégia política do grupo. Podem os fundamentalistas partilhar com os conservadores, os modernos ou os liberais um amor positivo às suas Escrituras e às Tradições. Todavia, o que os distingue é seu modo peculiar de oposição.

Os tipos mais familiares de fundamentalismo surgiram das “Religiões do Livro”: Cristianismo, Judaísmo e Islamismo. Estes consideram, respectivamente, as Escrituras Hebraicas e Novo Testamento, a *Torá* e o *Corão* como carta patente e ponto de referência sagrado que devem ser assumidos literalmente. É possível haver um ponto de referência teológica comum entre Jesus Cristo, Javé e Alá, mas os fundamentalistas seriam provavelmente os grupos menos propensos, nas várias comunidades de fé, a reconhecer a validade de uma proposição como esta, ou a experimentar o testemunho ou o culto comum. Outros grupos religiosos também aderiram ao Fundamentalismo, tais como: Hinduísmo, Sikhismo, Catolicismo e outros; todavia, para o presente texto, focaremos na perspectiva do Fenômeno do Fundamentalismo na Igreja Presbiteriana do Brasil.

²⁴ BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (org.). *Violência e religião- cristianismo, islamismo, judaísmo: três religiões em confronto e diálogo*. São Paulo: Loyola, 2001, p.46.

²⁵ ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p.173.

II- A relação do fiel com a Bíblia

Sobre uma característica marcante do Fundamentalismo, podemos ressaltar a relação do fiel com a existência de um Livro Sagrado, aqui chamamos de Bíblia Sagrada. Em relação à Bíblia, o fundamentalismo assume posições radicais: inerrância absoluta quanto aos manuscritos originais, sendo somente admissíveis pequenos erros na transmissão dos documentos. Como as palavras da Bíblia são as palavras de Deus, a alta crítica é inteiramente inadmissível. Há alguma abertura para o estudo dos textos e para a exegese, nos limites da infalibilidade em última instância. Naturalmente está fora de cogitação qualquer forma de contextualização da Bíblia. Isso resulta em forte hostilidade à moderna teologia e seus métodos. Por vezes essa hostilidade atinge a teologia como um todo. A Bíblia não é só um “meio” de defesa da fé, mas um “objeto da fé” que adquire uma espécie de autonomia. Em seu livro *Rostos do Protestantismo Latino-Americano*, José Miguez Bonino assim expressa o fundamentalismo:

Para os fundamentalistas a Bíblia é mais do que a fonte da verdade para sua religião (...) Faz parte da própria religião, na realidade é praticamente o centro da religião (...) Na mentalidade fundamentalista, a Bíblia funciona como uma espécie de correlato de Cristo (...) Cristo é o Senhor e salvador pessoal (...) a Bíblia é uma entidade verbalizada, “inscriturada” (...) Na medida em que Cristo é o Senhor e Salvador divino, a Bíblia é o símbolo religioso supremo, tangível, articulado, que se pode possuir e é acessível ao ser humano na terra²⁶.

São quatro os elementos constitutivos do Fundamentalismo²⁷: a crença no princípio da inerrância do conteúdo do livro sagrado, a assunção do princípio da a-historicidade da verdade e do livro que a conserva, (significa que a razão não tem poderes para perspectivar historicamente a mensagem religiosa nem deve ousar adaptá-las às novas condições que vão produzindo no decurso dos tempos); a crença de que é possível deduzir do livro

²⁶ BONINO, José Miguez. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo: Sinodal, 2002, pg. 39.

²⁷ MENDONÇA, A. G. e VELASQUE, Filho P. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990, p.52.

sagrado o modelo integral de sociedade perfeita e, por fim, a referência a um princípio absoluto estimula a imaginar a possibilidade de calcar a “cidade terrena” sobre o modelo ideal da sociedade apresentado no livro sagrado, numa tensão entre o presente e o passado que atribui ao primado da fundação a identidade de um grupo ou um povo inteiro.

O Fundamentalismo, como já foi dito, só veio tomar forma no final do século XIX, nos Estados Unidos, em oposição às tendências da teologia liberal que estavam a manifestar na Europa. O debate teológico centrava-se nas modalidades de interpretação da Bíblia: os teólogos liberais defendiam a necessidade de utilizar todos os instrumentos críticos das modernas ciências humanas para purificar o texto sagrado das mitologias e dos condicionamentos históricos que nele tinham vindo a sedimentar-se; os teólogos conservadores, por sua vez, opunham-se a tal tendência, pois defendiam que o contributo da ciência moderna acabaria por alterar a integridade da verdade depositada no livro sagrado²⁸.

III- O Protestantismo de Missão

O Fundamentalismo que observamos no Brasil segue sendo uma projeção do Fundamentalismo Protestante americano, é claro, não chega a ser tão radical a expor-se na arena pública freqüentemente, apenas alguns fatos mais isolados; como, por exemplo, um fiel que chuta uma imagem, um defensor contra o aborto, células-tronco, homossexualismo e outros. Em todos os casos, bem explorados pela mídia. No entanto, logo esquecidos. O que se denomina “protestantismo brasileiro” na verdade são vários protestantismos²⁹. Esses protestantismos se desenvolveram no Brasil primeiramente como resultado do movimento imigratório iniciado no começo do século XIX, depois em decorrência da grande expansão missionária ocorrida na mesma época. Sua realidade torna-se ainda mais complexa com o surgimento do pentecostalismo e com o

²⁸ ARMSTRONG, Karen. Em nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 174.

²⁹ MENDONÇA, A. G. e VELASQUE, Filho P. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990, p.59.

estabelecimento no país de um grande número de organizações protestantes desvinculadas das Igrejas tradicionais. Antônio Gouvêa Mendonça, que cunhou o termo “protestantismos”, diz:

Ao contrário da tradição católica, o protestantismo que surgiu da Reforma do século XVI foi muito mais longe na variedade de tendências e instituições que gerou, e desde cedo revelou-se incapaz de conservar-se unido. Por isso, é mais adequado falarmos em protestantismos (luterano, calvinista, metodista etc) que em protestantismo brasileiro³⁰.

A tradição protestante inseriu-se no Brasil no começo do século XIX. Seu primeiro impulso foi basicamente de natureza imigratória e decorreu da abertura dos portos brasileiros ao comércio inglês (1810) e do incentivo governamental à imigração européia, particularmente alemã, poucos anos depois. Todavia, a população brasileira só foi diretamente afetada pela presença de cristãos não-católicos quando começaram a chegar ao Brasil, nos anos 1850³¹, os primeiros missionários protestantes que vieram com a finalidade explícita de propagar sua fé. Esse impulso deu origem ao chamado “protestantismo de missão”. Através dele instalaram-se no Brasil a Igreja Congregacional, a Presbiteriana, a Metodista, a Batista e a Episcopal.

Direta ou indiretamente, as Igrejas brasileiras, ao menos de origem missionária, alimentam-se das idéias da cultura religiosa norte-americana. Como nem sempre as Igrejas norte-americanas são fiéis ao antigo ideário dos fundadores da sua nação, há choques e atritos que se propagam como em ondas até as Igrejas brasileiras. Esse fator é um dos pontos importantes para se compreender o comportamento das Igrejas brasileiras em relação à sociedade civil, já que elas tendem, talvez por serem minoritárias e, portanto, sujeitas ao esforço constante de sua auto-afirmação, a acompanhar as ondas do conservadorismo das Igrejas norte-americanas. É por isso que há um visível descompasso com a sociedade, descompasso que é historicamente explicável: no momento em que o protestantismo foi inserido na sociedade brasileira, esta se encontrava num estágio de

³⁰ Ibidem, p. 60.

³¹ GAARDER, Jostein. *O Livro das religiões*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2000, p. 55.

desenvolvimento significativamente anterior à sociedade norte-americana; por isso o protestantismo foi recebido como vanguarda do progresso e da modernidade. Mendonça ainda nos fala de um fator crucial:

O protestantismo missionário brasileiro não veio do continente europeu, mas dos Estados Unidos, cujo protestantismo tinha raízes na Reforma Inglesa. Talvez seja por isso que o protestantismo que chegou ao Brasil tenha tido intenções fortemente pragmáticas: pretendia ser elemento transformador da sociedade através da transformação dos indivíduos. Embora o pragmatismo caracterize o protestantismo no Brasil, esse protestantismo está ligado, na medida em que se expressa através de Igrejas, à Reforma do século XVI³².

Hoje, quando movimentos neoconservadores e reformistas atingem a sociedade e as Igrejas norte-americanas, tentando recuperar antigos valores, as Igrejas brasileiras, na esteira desses movimentos, agitam-se na busca de valores que nunca fizeram parte da cultura brasileira³³.

IV- A inserção do Presbiterianismo no Brasil

No dia 12 de agosto de 1859, chega ao Brasil Ashbel Green Simonton, jovem de 26 anos enviado pela Junta Missionária da Igreja Presbiteriana Unida dos Estados Unidos, com sede em Nova York³⁴. A presença deste jovem marca o início da Igreja Presbiteriana no Brasil. A figura de Ashbel Green Simonton, que morreu de febre amarela aos 34 anos e que teve um ministério de apenas 8 anos no Brasil, deixou a marca de seu pioneirismo. Além de seus inúmeros trabalhos como pastor, ordenou o primeiro pastor protestante brasileiro, o ex-padre José Manuel da Conceição³⁵. Este início se desdobra em vários períodos de expansão e de organização do presbiterianismo no Brasil.

³² MENDONÇA, A. G. e VELASQUE, Filho P. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990, p.66.

³³ VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: UnB, 1980.

³⁴ DE ARAÚJO, João Dias. *Inquisição sem fogueiras*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos da Religião, 1985, p. 5.

³⁵ *Ibidem*, p. 6.

Para fazermos um retrospecto histórico, utilizarei o esboço do historiador Júlio Andrade Ferreira, no livro *Inquisição sem fogueiras*, que divide a história da Igreja Presbiteriana do Brasil em cinco períodos.

O primeiro período marca os primeiros esforços da influência dos missionários da Junta de Nova York e pela atuação marcante do primeiro presbiteriano brasileiro, o ex-padre José Manuel da Conceição. Estabeleceu-se a infra-estrutura da Igreja: a escola dominical; distribuição de Bíblias; as pregações evangelísticas; a literatura devocional e de propaganda de fé; o jornal da Igreja; a educação teológica; a estrutura conciliar; a hinódia e a educação³⁶.

O segundo período foi o de expansão missionária até a organização do Sínodo Brasileiro. Nesse período, o presbiterianismo brasileiro recebe outra influência com a chegada de missionários da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos (IPS) enviados pela Junta de Nashville. No ano de 1888 havia no Brasil vinte missionários estrangeiros e doze pastores nacionais. Havia cinquenta e nove igrejas e quatro presbitérios: do Rio de Janeiro, de Pernambuco, de Minas Gerais e de São Paulo³⁷. As sessões do primeiro Sínodo foram realizadas na igreja do Rio de Janeiro, de 30 de agosto a 19 de setembro de 1888.

O terceiro período é de lutas eclesiais e de cisão em 1903. Foi um período cheio de problemas, além da febre amarela que dizimou grande parte dos missionários pioneiros, a Igreja recebe a influência do líder Eduardo Carlos Pereira, que dividiu a Igreja. Quando o Sínodo se reuniu em 1903, três problemas agitavam a Igreja: a questão missionária, a questão maçônica e a questão educativa. Nesse Sínodo se deu a primeira cisão no protestantismo brasileiro. Sete ministros e quatorze presbíteros se retiraram da IPB no dia 31 de julho e fundam a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil (IPI)³⁸.

³⁶ Ibidem, p.6.

³⁷ DE ARAÚJO, João Dias. *Inquisição sem fogueiras*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos da Religião, 1985, p. 6.

³⁸ Ibidem, p. 7.

No quarto período a figura de destaque é Erasmo Braga, que é considerado como a maior expressão do protestantismo brasileiro. Vários fatos importantes aconteceram nesse período. Houve crescimento tanto na IPB como na IPI (1903-1917). Três sínodos formaram a Assembléia Geral da IPB em 1910: o Sínodo do norte, o Sínodo do Sul e o Sínodo Central (a Assembléia Geral seria chamada, anos mais tarde, Supremo Concílio). A nova política de relação entre a Igreja brasileira e as missões norte-americanas era aprovada pela Assembléia Geral em 1917, na qual se estabeleceu uma divisão de campos entre missionários e pastores brasileiros. Os missionários ficavam nos novos campos do interior e os pastores nos grandes centros e nas igrejas estabelecidas. Foi criada a Comissão “Modus Operandi” composta por três representantes de cada entidade: da Junta de Nashville, da Junta de Nova York e da IPB³⁹.

Por fim, temos o quinto período que compreende da formação da Comissão “Modus Operandi” até a Campanha do Centenário. Neste período há uma grande expansão dos campos missionários e uma proliferação de novos presbitérios. Por outro lado, a Igreja começa a debater seriamente a sua missão dentro da realidade brasileira, ao completar um século de existência. Criou-se a “Junta Mista de Missões Nacionais”, depois chamada “Junta de Missões Nacionais” (JMN), para os pontos estratégicos. Na parte final deste período e nos quinze anos após a celebração do centenário houve grandes lutas da IPB, compreendendo as datas de 1954 até 1974⁴⁰.

João Dias de Araújo em seu livro *Inquisição sem fogueiras* oferece um panorama maior sobre os principais episódios ocorridos no período das perseguições (1954-1974), daí o nome de seu livro. Logo após o ano de 1954, momento em que o Brasil enfrenta uma crise na política com o suicídio de Getúlio Vargas, a Igreja Presbiteriana resolve ser mais rígida e menos democrática. O movimento fundamentalista penetra nos arraiais⁴¹ presbiterianos e cria, pela primeira vez na história do cristianismo brasileiro, uma equipe

³⁹ Ibidem, p. 8.

⁴⁰ DE ARAÚJO, João Dias. *Inquisição sem fogueiras*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos da Religião, 1985, p. 9.

⁴¹ Ibidem, p. 2.

de “caçadores de heresias”. Um silêncio imperou nesse período. O medo dominou muitas igrejas e pastores: as igrejas com medo de perder suas propriedades; os pastores, com medo de perder seus salários, suas casas e suas igrejas.

V- A Presbiteriana de hoje

O presbiterianismo que temos na atualidade não passa de um retrato do passado, é claro, com sérias modificações e adaptações; mas, permanecendo sempre fundamentalistas, porque se mantém de idéias minoritárias e vencidas que fizeram parte do contexto norte-americano. João Dias de Araújo nos alude uma questão interessante:

Os fundamentalistas não enxergam, nem com telescópio, as heresias de sua medieval e presumida ortodoxia que não queima fisicamente, mas levanta horríveis fogueiras morais, nas quais torturam muitos servos do Senhor⁴².

Essa *Inquisição*⁴³, segundo João Dias de Araújo, pode escandalizar alguns protestantes. Muitos pensam que quando se fala em “Inquisição” deve-se entender que foi uma prática instituída pela Igreja Católica Apostólica Romana, na Idade Média, e que os protestantes jamais foram inquisidores, pelo contrário, combateram essa monstruosidade. *É puro engano*⁴⁴. A história da Igreja mostra que os protestantes, desde a Reforma do século XVI, tiveram a sua inquisição e acenderam fogueiras para queimar hereges, e outras vezes praticaram métodos inquisitoriais, sem fogueiras, como acontecem até nos dias de hoje⁴⁵.

Rubem Alves afirma que o catolicismo está cheio de erros, mas também o protestantismo. Os últimos anos da década dos anos de 1950 e os primeiros da década de 1960 apresentaram uma ruptura na racionalidade fechada do discurso do protestantismo,

⁴² Ibidem, p. 10.

⁴³ A palavra “Inquisição” é derivada do verbo latino *inquire*, que significa, em sentido eclesiástico: investigar. Inquirir a retidão da fé dos membros da Igreja.

⁴⁴ DE ARAÚJO, João Dias. *Inquisição sem fogueiras*. Rio de Janeiro: Instituto Superior de Estudos da Religião, 1985, p. 10

⁴⁵ Ibidem, p. 17.

manifestada por meio de um esforço para uma redefinição dos inimigos. O inimigo, segundo Rubem Alves, é sempre aquele que se opõe à verdade. O ortodoxo, o fundamentalista, tem medo do novo, da surpresa, do inesperado. Eles ameaçam a sua salvação. Nas palavras de Rubem Alves:

O herege vê o velho apenas como um caminho na direção do novo. O velho não é definitivo. É o provisório. Etapa a ser ultrapassada. Visões de mundo que se opõem. O ortodoxo vê um mundo petrificado, acabado, completo, fixo, imutável. O herege vive num mundo que se move, ainda incompleto, aberto, inacabado⁴⁶.

O amor à verdade se revela como a origem da intolerância e do fundamentalismo. Aqueles que têm a verdade toda, a verdade necessária para a salvação, não podem tolerar aqueles que pretendem construir uma verdade. *O destino daqueles que pretendem possuir a verdade é a intolerância*⁴⁷. Daí, podemos entender certas atitudes e práticas de grupos religiosos, em especial a IPB, que pretendem ser os possuidores da verdade. Quem duvidar da verdade instituída estará fadado à fogueira, pois das coisas de Deus não se pode duvidar.

Em todas as religiões, pode-se perceber tal discurso, mas a IPB, em especial, demonstrou isso na prática. A chamada Inquisição não punia pessoas por seus deslizes morais. Roubar, adulterar, matar... estas eram questões seculares. Ela se preocupava com algo mais sério: os crimes contra o pensamento, isto é, aqueles atos mentais ou verbais que negavam a validade das *regras do jogo*⁴⁸.

Os presbiterianos brasileiros são fiéis a João Calvino quanto ao governo eclesiástico. Organizam-se a partir da relativa autonomia da Congregação local, num sistema federativo e piramidal de concílios. Cada congregação local tem um conselho de presbíteros leigos eleitos por ela; um grupo de congregações locais forma um presbitério;

⁴⁶ ALVES, Rubem. *Religião e repressão*. São Paulo: Loyola, 2005, p. 326.

⁴⁷ *Ibidem*, p. 327.

⁴⁸ *Ibidem*, p. 322.

um grupo de presbitérios forma um sínodo e todos os presbitérios formam o supremo concílio ou assembléia geral. Vale ressaltar que *a teologia dos presbiterianos brasileiros é, ao contrário do calvinismo ortodoxo, a conversionista dos avivamentos... quase todas usavam o hinário Salmos e Hinos*⁴⁹.

Devido aos sucessivos cismas, os presbiterianos brasileiros constituem seis grupos diversos entre si com sensíveis diferenças de tendências, sendo elas: Igreja Presbiteriana do Brasil- IPB (muito conservadora); a Igreja Presbiteriana Independente do Brasil- IPI (moderadamente conservadora); a Igreja Presbiteriana Unida do Brasil- IPU (aberta e ecumênica); a Igreja Presbiteriana Conservadora- IPC (conservadora radical); a Igreja Presbiteriana Fundamentalista- IPF (conservadora radical) e a Igreja Presbiteriana Renovada- IPR (pentecostal). A Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB) foi a que mais cresceu no século XIX e foi também a primeira a obter autonomia formal em relação às Igrejas-mãe norte-americanas. Segundo o relatório de estatística 2008 da IPB, existem no país cerca de 716.275 membros e 339.542 sociedades internas⁵⁰. Em 2004, data do último Supremo Concílio da IPB, nomeou-se três importantes figuras fundamentalistas: Rev. Ludgero Bonilha Moraes, secretário executivo do Supremo Concílio da IPB; Rev. Augustus Nicodemus Lopes, chanceler da Universidade Presbiteriana Mackenzie e o Rev. Roberto Brasileiro, presidente da IPB. Figuras que, atualmente, estão no centro das decisões da IPB e que são extremamente fundamentalistas em suas ações.

A título de exemplificação, Augustos Nicodemos Lopes, publicou recentemente um artigo⁵¹ no site oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil intitulado *Quatro princípios bíblicos para se entender a Batalha Espiritual*. Augustos Nicodemos diz:

...tudo que precisamos saber para travarmos uma guerra espiritual contra as hostes espirituais da maldade está revelado nas páginas da Escritura, e isso inclui conhecimento das ciladas astutas do diabo e a

⁴⁹ MENDONÇA, A. G. e VELASQUE, Filho P. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Loyola, 1990, p.32.

⁵⁰ Disponível em: <<http://www.executivaipb.com.br/atas.htm>>. Acesso em 09 set. 2008.

⁵¹ Disponível em: <www.igrejapresbiterianadobrasil/artigos>. Acesso em 11 nov. 2008.

maneira correta de procedermos diante delas. A Bíblia é nosso manual de combate espiritual. Ela nos revela o caráter de nosso inimigo, suas intenções e artimanhas, e de que modo podemos ficar firmes contra suas ciladas⁵².

Resumidamente, os quatro princípios são: *Deus é soberano absoluto do seu universo; As coisas de Deus só podem ser conhecidas pelas Escrituras; O homem é um ser decaído e debaixo do justo juízo de Deus; por fim, Se alguém está em Cristo é uma nova criatura.* O nome em si já sugere do que se trata: é um movimento cuja ênfase maior é a luta da Igreja de Cristo contra Satanás e seus demônios, conflito este de natureza espiritual, quanto aos métodos, armas, estratégias e objetivos.

VI- Considerações finais

Como a sociedade moderna saiu da cristã, o cristianismo acabou sendo a vítima por excelência da sua força dissolvente, o primeiro candidato do fundamentalismo. Uma fé que não apenas afirma o que não sabe, mas que se afirma contra a melhor ciência⁵³. O fundamentalismo é a tentativa de proporcionar aos indivíduos desenraizados e inseguros novamente o apoio espiritual; algo que é tão esmaecido pela sociedade moderna. O fundamentalismo invoca o que está abalado, por isso os esforços de líderes religiosos em propagar o evangelho a toda criatura e oferecer a estes uma explicação plausível sobre o mundo que os cercam.

A tentativa dos primeiros missionários foi a de expandir a verdade revelada através da Bíblia para uma vida mais feliz e segura; com a esperança de que Cristo e suas obras jamais fossem esquecidos. Para isso, todas as “armas” foram utilizadas para que essa verdade fosse incutida na mente dos indivíduos. A IPB surge como um objeto singular para essa análise do fenômeno do fundamentalismo; primeiro, com o seu poder e

⁵² Ibidem, p. 7.

⁵³ PACE, Enzo e STEFANI, Pierro. *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. Paulus: Coleção Fé e Mundo Pós-moderno-2, 2000, p.36.

expansão e adesão em solo brasileiro; segundo, pelo seu fortalecimento no decorrer dos anos, apesar de suas conturbadas cisões e perseguições.

A partir de todos os levantamentos, pode-se dizer que os fundamentalistas transformaram o *mythos* de sua religião em *logos*, fosse insistindo na verdade científica de deus dogmas, fosse convertendo sua complexa mitologia numa compacta ideologia⁵⁴. Misturaram, assim, duas fontes complementares e dois estilos de conhecimento que os pré-modernos geralmente achavam melhor não misturar.

Contudo, a fúria fundamentalista nos lembra que nossa cultura moderna nos impõe exigências difíceis. Sem dúvida essa cultura nos fortaleceu, abriu novos mundos, ampliou nossos horizontes e nos propiciou uma vida mais saudável e feliz. Porém, com frequência abalou nossa auto-estima. Ao mesmo tempo que proclamou o homem a medida de todas as coisas e nos liberou da dependência de uma divindade transcendente, nossa visão de mundo racional também revelou nossa própria fragilidade, nossa vulnerabilidade, nossa indignidade. É importante entender que os movimentos fundamentalistas não constituem um retrocesso a um passado arcaico; são modernos, inovadores e modernizantes.

VI- Bibliografia

ALVES, Rubem. *Dogmatismo e tolerância*. São Paulo: Paulinas, 1982.

_____. *O que é religião*. São Paulo: Loyola, 1999.

_____. *Religião e repressão*. São Paulo: Loyola, 2005.

APPLEBY, R. SCOTT. MARTY, MARTIN R. *Fundamentalisms and society*. Chicago. The University of Chicago Press, 1993.

⁵⁴ ARMSTRONG, Karen. *Em nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001, p. 408.

- ARMSTRONG, Karen. *Uma história de Deus: quatro milênios de busca no judaísmo, no cristianismo e islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____. *Jerusalém: uma cidade, três religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- _____. *Em nome de Deus: O fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- AZEVEDO, Antônio Carlos A. *Dicionário histórico de religião*. São Paulo: Nova Fronteira, 2005.
- BASTIDE, Roger. *O sagrado selvagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- BERGER, Peter L. & LUCKMANN, Thomas. *Modernidade, pluralismo e crise de sentido*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- _____. *A construção social da realidade*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1974.
- BINGEMER, Maria Clara Lucchetti (org.). *Violência e religião- cristianismo, islamismo, judaísmo: três religiões em confronto e diálogo*. São Paulo: Ed. PUC-RIO, Edições Loyola, 2001.
- BITTENCOURT, Filho J. *Matriz religiosa brasileira, religiosidade e mudança social no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOFF, Leonardo. *Nova era- civilização planetária*. São Paulo: Ática, 1994.
- BONINO, José Miguez. *Rostos do protestantismo latino-americano*. São Leopoldo, RS. Escola Superior de Teologia. Sinodal, 2002.
- BRUNNER- TRAUT, Emma (org.). *Os fundadores das grandes religiões*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- CAILLOIS, Roger. *O homem e o sagrado*. Lisboa: Ed. 704, 1988.
- CHALLAYE, Felicen. *As grandes religiões*. São Paulo: Ibrasa, 1981.
- CHIAVENATO, Júlio José. *Religião da origem a ideologia*. Sollus, 2003.
- CUPITT, Don. *Depois de Deus o futuro da religião*. Rocco, 1999.
- De BONI, Luis Alberto (org.). *Fundamentalismo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995.
- De FARIAS, José Jacinto Ferreira; STILWELL, Peter; TEIXEIRA, Alfredo e Das NEVES, Joaquim Carreira. *Religião e violência*. São Paulo:Paulus, 2002.

- DESROCHE, Henri. *O homem e suas religiões*. São Paulo: Paulinas, 1985.
- DIAS, Z. M. *Notas sobre a expansão e metamorfose do protestantismo na América Latina*, in Juiz de Fora: Numem, vol.3 nº 2, 2002.
- DURKHEIM, Émile. *As formas elementares da vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.
- FERRI, Omar. *Razão X religião*. Rigel, 2004.
- GAARDER, Jostein. *O livro das religiões*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- GALINDO, Florêncio. *O fenômeno das seitas fundamentalistas*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- HOUTART, François. *Sociologia da religião*. São Paulo: Ática, 1994.
- HUME, David. *História natural da religião*. São Paulo: UNESP, 2005.
- KÜNG, Hans. *Religiões do mundo*. São Paulo: Verus, 2004.
- LEONARDO, E. *O protestantismo brasileiro*. São Paulo: ASTE, 1993.
- LUCENÓ, José Maria Garrido. Sobre el fundamentalismo. *Revista de Estudos Eclesiásticos Superiores: Isidorianum* 30, 2006, p. 111-166.
- MARTY, Martin E. O que é fundamentalismo? *Concilium* 241, 1993, p. 13-25.
- MENDONÇA, A. G. e VELASQUE, Filho P. *Introdução ao protestantismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola/ Ciência da Religião (UMESP), 1990.
- MENDONÇA, A. G. *No celeste porvir*. São Paulo: Aste, 1995.
- MESLIN, Michel. *A experiência humana do divino*. Petrópolis: Vozes, 1992.
- MCKIM, D. K. *Grandes temas da tradição reformada*. São Paulo: Pendão Real, 1998.
- NOGUEIRA, Alcides. *O evangelho social e a igreja de Cristo*. Rio de Janeiro: Casa publicadora Batista, 1965.
- PACE, Enzo e STEFANI, Pierro. *Fundamentalismo religioso contemporâneo*. Paulus: Coleção Fé e Mundo Pós-moderno-2, 2000.
- SCHERER, Burkhard (org.) – *As grandes religiões*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SHAULL, R. *A reforma protestante e a teologia da libertação*. São Paulo: Pendão Real, 1993.

SIAT, Jeannine. *Religiões monoteístas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

STROHL, H. *O pensamento da reforma*. São Paulo: ASTE, 1963.

TEIXEIRA, Alfredo Borges. *Dogmática evangélica*. São Paulo: Pendão Real, 1976.

TILLICH, P. *A era protestante*. São Paulo: UMESP, 1992.

VIEIRA, David Gueiros. *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*. Brasília: UnB, 1980.